

A OBEDIÊNCIA DA FÉ

José Luiz Gonzaga do Prado

A palavra obediência no nosso falar comum parece significar a fidelidade ao cumprimento de ordens ou leis emanadas dos superiores, uma observância cuidadosa, se não escrupulosa, de tudo o que é mandado. Assim é que o dicionário Houaiss registra Obediência como 1. ato ou efeito de obedecer 2. condição ou qualidade do obediente 3. submissão completa; registra Obedecer como 1. submeter-se à vontade de outrem 2. estar sob o comando de 3. agir ou estar de acordo com e Obediente como 1. o que obedece 2. o que é excessivamente dócil; submisso.

No Novo Testamento e especialmente em Paulo não é esse o significado, ao contrário, obediência para Paulo parece opor-se à observância, cumprimento ou prática das obras da lei. Assim nos perguntamos: Qual o significado da expressão “obediência da fé”? Que tipo de genitivo (subjutivo, objetivo, hebraico, epexegetico) é esse “da fé”? Quais as conseqüências disso?

A palavra *obediência* em Paulo

Nas cartas incontestavelmente paulinas nós encontramos dez vezes a palavra *obediência*, em grego *hypakoe*, e cinco vezes o verbo obedecer. A palavra é formada da palavra *akoe*, que significa audição, escuta, atenção, como em latim *oboedire*, obedecer, vem de *audire*, ouvir. Isso poderá nos ajudar a entender o significado que Paulo dá aos vocábulos obediência e obedecer.

Começando pela palavra *akoe*, nós a encontramos em 1Cor 12,7 com o significado físico de audição, capacidade de ouvir. “Se o corpo fosse todo olho, onde ficaria a audição?”.

Na Primeira aos Tessalonicenses, o primeiro escrito do Novo Testamento, nós encontramos a palavra, que traduzimos por *escuta*, em 2,13. Assim, literalmente: “Por isso, também nós damos graças a Deus sem cessar porque, tendo recebido a palavra da *escuta* de nossa parte, de Deus, vós a acolhestes não como palavra humana, mas, o que verdadeiramente é, como Palavra de Deus que age em vós que tendes fé”.

Como será possível entender isto: "tendo recebido a palavra da *escuta* da parte de nós de Deus..."? A maioria das traduções modernas entende o termo *escuta* como significando a pregação, no caso, de Paulo. Só fica um pouco obscuro porque Paulo teria inserido as expressões "da escuta (ou pregação) da parte de nós" entre as palavras que normalmente andam juntas "Palavra de Deus".

Esse "da parte de nós" estará ligado ao substantivo "escuta", então com o significado de pregação, como o interpretam as traduções modernas, ou o “da parte de nós” se liga ao verbo "recebestes"? A vulgata (antiga e nova) entende que está ligado ao verbo "recebestes", tanto que traduz, mudando a ordem do texto grego, "accepistis a nobis verbum auditus Dei", (*recebestes da parte de nós a Palavra da escuta de Deus*). Fica-me a impressão de que Paulo já tinha ditado os termos “palavra da escuta”, quando decidiu lembrar que a tinham recebido dele e seus companheiros e inseriu o “da parte de nós”. Assim parece interpretar a antiga tradução latina, pois coloca o “da parte de nós” ligado diretamente ao verbo “recebestes”.

Aí o mistério começa a se desvendar, a Palavra de Deus que os tessalonicenses receberam de Paulo e seus companheiros é palavra que merece escuta, atenção, audiência. É uma palavra que provoca a fé, a que ele faz referência no final do período. A escuta tem a ver com a fé e a fé tem a ver com a firmeza no compromisso, mesmo no meio das perseguições, como diz em seguida, e já pela terceira vez, nessa carta.

No capítulo 3 de Gálatas, onde Paulo coloca em pauta a oposição entre lei e fé, a palavra *escuta* ocorre duas vezes, nos versos 2 e 5. Em ambos os casos ele coloca a *escuta da fé* em contraste com as obras ou práticas da lei. Nessa carta, indignado contra os judaizantes, Paulo manifesta suas convicções mais profundas. Aí, com veemência, ele coloca a fé ou compromisso com o messias Jesus em oposição à ideologia da lei, mentalidade segundo a qual a salvação depende da observância escrupulosa dos preceitos da Lei.

A lei é o trilho do qual não se pode sair, na lei está tudo previsto, não há novidade, não há criatividade, não há procura. A fé é compromisso único com o Messias crucificado, é encontrar a vitória no fracassado, a bênção no excluído da cidadania e amaldiçoado pela lei religiosa (Dt 21,22-23). A fé é procura, é criatividade, é deixar-se surpreender pelos fatos, perceber os sinais dos tempos, acolher as novas revelações de Deus. É nada previsto, é ouvido atento, antena ligada, é deixar-se conduzir por Deus a cada momento, por cada acontecimento. A fé é *escuta*, a lei é observância.

No capítulo 10 (vs. 16 e 17) de Romanos *escuta* ocorre três vezes com o sentido mais aparente de mensagem. Literalmente, mantendo a palavra *escuta* mesmo onde em princípio ela significa mensagem: “¹⁶ Mas nem todos obedecem à Boa Nova, pois Isaías diz ‘Senhor, quem acreditará na nossa *escuta*?’ ¹⁷Portanto a fé vem da *escuta* e a *escuta* vem pela palavra do Messias”. Notar apenas que “obedecer à Boa Nova” é o mesmo que “acreditar na *escuta*” e obedecer, fé e *escuta* são termos que estão juntos no mesmo contexto.

Passemos agora à palavra *obediência*, *hypakoe*, que ocorre dez vezes nas cartas incontestavelmente paulinas.

Começemos pela carta a Filêmon. Onésimo, escravo de Filêmon, teria dado um prejuízo ao patrão, fugiu e foi procurar Paulo que estava na prisão. Paulo o manda de volta com a carta onde fala insistentemente da fé e do amor de Filêmon, diz que Onésimo fora batizado por ele na prisão e agora era, portanto, seu filho; que gostaria que ele ficasse onde Paulo estava preso para prestar-lhe algum serviço, mas não o queria fazer sem o consentimento de Filêmon, para que a possível ajuda não fosse forçada, mas espontânea, e pedia que o recebesse como irmão ou como ao próprio Paulo. Não diz que atitude Filêmon deve tomar quanto ao escravo fugido - pelas leis do seu tempo poderia castigá-lo severamente e até matá-lo - mas no verso 21 diz que conta com a *obediência* de Filêmon. Que *obediência* é essa que não tem um objeto definido, uma ordem explícita?

Em 2Cor 7,15 Paulo diz que Tito lembrava com carinho a *obediência* dos coríntios. Tito havia levado a Corinto a carta que Paulo diz ter escrito (ou ditado) entre lágrimas, uma carta dura em defesa da autenticidade do seu ministério e da sua mensagem, o seu Evangelho. Não havia qualquer determinação concreta. Essa *obediência* também parece um tanto vaga, ou seria mais uma atitude geral e não o cumprimento de alguma ordem ou mandamento?

Outra ocorrência da palavra *obediência* verifica-se nos versículos 5 e 6 do capítulo 10 da mesma Segunda aos Coríntios. É um provável trecho da carta escrita “entre lágrimas”. Paulo, acusado de fraqueza pelos seus inimigos em Corinto, se diz capaz de

subjugar todo pensamento “para a (*eis ten*) obediência do Cristo (ou Messias)”. Jesus foi um Messias obediente? Que genitivo é este, “obediência do Cristo”? É a obediência que o Cristo tem (genitivo subjetivo) ou é a obediência a Cristo (g. objetivo)? Ou serão as duas coisas ao mesmo tempo?

Na seqüência (v.6) Paulo diz literalmente: “estando nós preparados para castigar toda desobediência assim que a vossa *obediência* for completa”. Mais uma vez uma *obediência* genérica, sem objeto determinado, significando uma atitude genérica.

Em Romanos, a última carta incontestavelmente autêntica de Paulo, onde, pelas circunstâncias mesmas do momento, ele fez uma síntese completa e serena do seu pensamento, temos seis ocorrências da palavra *obediência* além de mais quatro vezes o verbo *obedecer*.

No início e no final da carta (1,5 e 16,26) temos a expressão *obediência* da fé. O objetivo da missão de Paulo é levar as pessoas à *obediência* da fé. Que significa isso, obediência que a fé possui (g. subjetivo)? Obediência à fé (g. objetivo)? Ou poderia ser o genitivo epexeagético ou explicativo (como “o cachorro do vizinho”, “a jararaca daquela mulher”), a *obediência que é a fé*. A *obediência* seria, então, a atitude da *fé*. Quais seriam as características da fé para Paulo?

Confirmando o que foi dito no parágrafo anterior, no versículo 9 do capítulo 1, Paulo diz que a *fé* dos romanos é noticiada por todo o mundo e no final da carta, em 16,19 diz que a *obediência* dos romanos tornou-se conhecida de todos. Simplesmente troca a palavra *fé* pela palavra *obediência*. A fé é uma obediência, *obediência* é a atitude de fé.

No capítulo 5, quando coloca em paralelo Jesus e Adão, Paulo fala (v.19) da desobediência de um e da *obediência* do outro. Referindo-se a Adão, lembra que ainda não havia a Lei e que esta (v. 20) se intrometeu para multiplicar as transgressões. Significa que antes da lei mosaica não se podia falar em transgressões, mas podia-se falar em obediência. Uma coisa são as transgressões (atos), outra a desobediência (atitude), assim como uma é a atitude de *obediência*, outra, a observância de todos os preceitos e só dos preceitos.

Rm 6,16 e 17 após dizer que o cristão, mesmo não estando mais submisso ao regime da lei, não deve pecar, fala da *obediência* como atitude do servo ou escravo perante o senhor. “A quem te apresentas como escravo a esse deves obediência. Mas a obediência ao Evangelho deve ser de coração e não por coação”, deve ser de filho, não mais de escravo, deve ser fundada no amor, não no medo (Rm 8,15).

Em 15,18 temos uma afirmação paralela às encontradas em 1,5 e 16,26 onde se diz que a missão do Apóstolo é levar aos gentios a *obediência* da fé, literalmente: “falar do que Cristo realizou através de mim para a *obediência* dos gentios”. A palavra *obediência* para Paulo, portanto, é sinônimo de fé ou inclui a idéia de atitude de fé.

Fé em Paulo

Que significa a palavra fé em Paulo? Será a crença em milagres? A crença genérica em tudo o que pareça extraordinário, de fora deste mundo, ou crença em que Deus poderá fazer de tudo em meu favor? Ou será a aceitação intelectual da doutrina correta?

A palavra *pistis*, fé em grego, não é derivada do verbo *pisteuw*, crer, acreditar, dar crédito, mas do verbo *peiqw* que significa persuadir, convencer, tranquilizar e, como verbo intransitivo ou na voz media ou passiva, chega a significar obedecer. (Cf. C. Rusconi, Dicionário do Grego do Novo Testamento). Mas qual o objeto dessa fé, dessa convicção? Sem dúvida, a Boa Notícia, o Evangelho. No capítulo 15 da Primeira aos Coríntios Paulo

fala explicitamente do Evangelho que transmitiu: “³O Cristo morreu pelos nossos pecados conforme as Escrituras, ⁴foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia também segundo as Escrituras”.

O objeto da fé pode resumir-se em 2 palavras: Jesus Cristo. *Jesus*, o pobre Galileu crucificado, excluído e amaldiçoado, é o *Cristo*, o Messias aprovado por Deus na ressurreição. Sempre que Paulo se refere ao objeto da fé em Gl e Rm (Gl 2,16.20; 3.22.26; Rm 3,22.26) esse objeto é Jesus como Messias. Em Fl 1,27 ele fala em fé no Evangelho ou Boa Notícia (evidentemente de que Jesus é o Messias). Já em Fl 3,9, fé em Cristo ou no Messias. Em Filêmon 5 o objeto é o Senhor Jesus, o último (Jesus) como o primeiro (Senhor). Essa convicção me faz agir em consequência e, assim torna-se uma *obediência*.

Na Carta aos Gálatas, em luta contra os judaizantes e depois em Romanos reafirmando seus conceitos, Paulo opõe insistentemente a fé às obras. Obras significam as observâncias ou práticas da lei e especialmente a confiança nessas observâncias como caminho de salvação. A tendência da observância das obras da lei é negar novas revelações, novas descobertas, novos caminhos. Para a ideologia da lei o caminho já está traçado e nada muda, Deus está de boca fechada, não fala mais. O importante agora é manter-se dentro dos trilhos das obras da lei, praticar, guardar, cumprir, observar tudo o que ali está, o que nem os circuncidados fazem (Gl 6,13).

A fé, por oposição, é a descoberta de novas revelações, novos caminhos. Messias crucificado é um absurdo para a lei, pois “maldito o que morre pendurado”, mas foi assim que Jesus nos livrou da maldição da Lei (Gl 3,13). Essa foi a grande descoberta do fariseu Saulo, perseguidor dos seguidores do Messias crucificado. Se Deus salva através de um crucificado, todo o sistema da lei desmorona.

Observância e obediência, um paralelo

A lei, as obras da lei, a observância dos preceitos, tudo isso é para Paulo uma escravidão. A fé, a escuta, a obediência significam liberdade. A observância satisfaz a carne, a vaidade humana, é coisa da carne, da inércia. A obediência ou escuta é coisa do espírito, do dinamismo interior voltado para Deus. A observância é mantida pela força do pecado, da condenação, da maldição, da morte. A fé, obediência ou escuta se liga à graça, à misericórdia, à gratuidade da justificação e da bênção. A observância dos preceitos da lei é velha, caduca, significa conformismo, falta de criatividade. A obediência é escuta, é novidade, busca, atenção aos acontecimentos. A observância exige submissão aos mestres. A fé é obediência a Deus. A lei com seus preceitos prevê tudo, determina tudo, não deixa lugar para a surpresa nem para a criatividade, exige que se observe. A obediência que é a fé deixa-se surpreender a cada momento, tem que ser criativa para responder aos apelos dos acontecimentos, aos sinais dos tempos, onde Deus fala. A observância é água parada. A obediência é rio que corre. A lei, a observância, é o trilho do qual não se pode sair. A obediência é escuta, é ouvido atento, antena ligada. Jesus não foi observante, nos Evangelhos diz que o sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado, segundo Paulo (Gl 3,13), para nos libertar da maldição da lei, tornou-se um amaldiçoado pela lei, obediente até à morte, à morte maldita de Cruz. A observância quer cumprir o que Deus já falou, a obediência procura descobrir o que Deus fala a cada momento.

Consequências práticas

Há muitos anos uma pessoa de nossas comunidades disse: “De rezar Pai Nosso e Ave Maria nós estamos cansados de saber, o que nós precisamos aprender é a descobrir o

que Deus está falando nos acontecimentos de cada dia”. Aprender a ler o Livro da Vida, como diz Santo Agostinho. Obediência vem de escuta. Então, estar atentos aos fatos, aos sinais dos tempos, como ecoa lá longe o Concílio Vaticano II.

A obediência elimina a observância, a sujeição à lei e aos mandamentos? A lei deve ser eliminada para que prevaleça a escuta e a obediência? Basta dizer: “Eu tenho o espírito”, para não precisar cumprir mais nada? Toda regulamentação deve ser abolida? O mesmo Paulo nos dá um critério: “Onde há o espírito do Senhor, aí há liberdade!” (2Cor, 3,17). Onde uma regulamentação detalhada se faz necessária, onde não se pode dar espaço para a liberdade, aí não está presente o espírito do Senhor.

Joseph Cardjin, o fundador da JOC, criou o método VER-JULGAR-AGIR, também chamado método de Revisão de Vida, que consubstanciava a formação na ação. VER significa partir da realidade, do fato concreto, por mais insignificante que pareça, conhecer seus detalhes e principalmente suas causas e conseqüências, daí, já passando para o JULGAR, descobrir no fato, nos detalhes, causas e conseqüências o que há de pecado e graça, o que se pode ver de positivo ou negativo, lido o Livro da Vida, chega-se facilmente ao outro livro da Palavra de Deus, a Bíblia. Nesse ponto, a Bíblia ilumina a vida e a vida ilumina a Bíblia. O AGIR, combinar o que o grupo todo ou os membros individualmente vão fazer para responder aos desafios identificados, será objeto da Revisão de Vida na próxima reunião. Esse método formou uma geração de militantes obedientes a Deus, obedientes aos fatos, no mundo todo.

José Luiz Gonzaga do Prado